

“LATA D’ÁGUA NA CABEÇA”: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DO NORDESTE NA LITERATURA BRASILEIRA

Ianna Dreissi Mendes da Cunha¹
Ilana Driele Mendes da Cunha Lima (UEPB)²

Resumo: O presente estudo tem por objetivo propor uma reflexão da construção imagética que se materializa através do poder da arte e da literatura. Alguns críticos literários costumam afirmar que uma parte, senão tudo o que é conhecido como sendo o Nordeste Brasileiro é mera construção imaginária, dotada de estereótipos e simbolismos, uma repetição de informações baseadas em interpretações pessoais de como alguns renomados autores enxergava o Nordeste. Diante disso, surge o questionamento: A retratação do Nordeste na literatura e na arte corresponde a uma reprodução da realidade ou de mera construção imaginária como alguns defendem? Dessa forma, através do método indutivo, o presente estudo utilizou a análise de algumas obras literárias e de alguns autores crítico a fim responder de responder essa questão. Para a construção do presente estudo, foi-se realizada uma pesquisa bibliográfica, além de uma pesquisa de campo momento em que houve a observação de algumas cidades do interior e do litoral nordestino. A finalidade dessa observação foi a de colher material fotográfico e compor um acervo que poderia ser utilizado no estudo. O método de abordagem foi o indutivo, em que, foram selecionadas algumas obras literárias que frequentemente são alvos de críticas elas foram analisadas e avaliadas se podem ser consideradas de fatos obras eivadas de demasiada subjetividade ou se corresponde a uma realidade contada através de um determinado ponto de vista.

Palavras-chave: Construção imagética. Cultura. Seca. Romantização.

Introdução

O Brasil é mundialmente conhecido por sua cultura híbrida, múltipla e por sua diversidade. Por muitas vezes, durante os maiores festejos do país, o Carnaval, o palco é utilizado para a crítica que se confunde com a diversão. “Lata d’água na cabeça” é um trecho de uma música muito conhecida e frequentemente atribuída à cultura nordestina. Na verdade, a música foi escrita para uma mineira que costumava desfilar durante o carnaval com uma lata d’água na cabeça. Um gesto simbólico de protesto, visto que a mulher traz consigo um hábito comum para algumas mulheres e crianças em meados do século passado. A falta d’água foi vivenciada por essa mulher durante um período de grande seca, no entanto, no estado da região sudeste do país, o Rio de Janeiro. O título que traz um trecho da música mencionada foi escolhido de forma proposital, devido a errônea atribuição da canção à cultura nordestina, embora, essa realidade de falta d’água com a figura das mulheres carregando água de fato

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e em Direito pela Faculdade Maurício de Nassau. iannadreissi@gmail.com

² Mestranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Graduada em Direito pela Faculdade Maurício de Nassau. ilanadriele@gmail.com

ocorreu e ainda ocorre em alguns locais do nordeste, no entanto, a canção não reconta a história nordeste o que traz uma reflexão à frequente atribuição errônea.

O presente estudo tem por objetivo propor uma reflexão da construção imagética que se materializa através do poder da arte e da literatura. Alguns críticos literários costumam afirmar que uma parte, senão tudo o que é conhecido como sendo o Nordeste Brasileiro é mera construção imaginária, dotada de estereótipos e simbolismos, uma repetição de informações baseadas em interpretações pessoais de como alguns renomados autores enxergava o Nordeste. Diante disso, surge o questionamento: A retratação do Nordeste na literatura e na arte corresponde a uma reprodução da realidade ou de mera construção imaginária como alguns defendem? Dessa forma, através do método indutivo, o presente estudo utilizou a análise de algumas obras literárias e de alguns autores crítico a fim responder de responder essa questão.

Metodologia

Para a construção do presente estudo, foi-se realizada uma pesquisa bibliográfica, além de uma pesquisa de campo momento em que houve a observação de algumas cidades do interior e do litoral nordestino em três estados (Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco), as cidades observadas foram: Jardim do Seridó/RN, Natal/RN, Campina Grande/PB, Queimadas/PB, Soledade/PB, Cubati/PB, Pedra Lavrada/PB, João Pessoa/PB, Olinda/PE, Jaboatão dos Guararapes/PE, Recife/PE, Abreu e Lima/PE). A finalidade dessa observação foi a de colher material fotográfico e compor um acervo que poderia ser utilizado no estudo.

O método de abordagem foi o indutivo, em que, foram selecionadas algumas obras literárias que frequentemente são alvos de críticas elas foram analisadas e avaliadas se podem ser consideradas de fatos obras eivadas de demasiada subjetividade ou se corresponde a uma realidade contada através de um determinado ponto de vista.

Desenvolvimento

A música *Asa Branca*, escrita por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, apresenta-se como uma das maiores canções de representatividade do povo nordestino no Brasil, a qual reflete elementos de identificação referente a seca e aos retirantes. De acordo com o que discute Callado (2013), ao ser considerada “o hino do sertão”, essa música em especial traz em sua constituição uma estreita relação entre o real discurso de formação identitária que identifica a região nordeste, por meio das manifestações culturais, e o discurso de estereotipação construídos pelos meios de comunicação em massa.

Com isso, cabe-nos destacar a música como um objeto de análise que melhor possibilita o estudo de determinados grupos sociais, pois, como expõe Gama (2013), esse meio permite se aprofundar em questões sobre o que pensam, como agem, em que acreditam, como se comportam, dentre outros aspectos, revelados por quem compõe, quem as canta e quem as ouve. Principalmente, se aproxima ainda mais do que os sujeitos pertencentes a essa cultura gostariam de dizer para o mundo, tendo os compositores sido membros e reais participantes da realidade que relata.

Martelotta (2003) reitera a língua como sensível ao cultural, na ordem individual, social, regional, entre outros, como demarca a ocorrência das mudanças linguísticas, como também, a real existência da existência de populações que as utilizam, como é o caso dos sotaques nordestinos. Como, nas palavras de Luiz Gonzaga, em uma de suas falas sobre o fato de ter nascido no sertão pernambucano, “Cantei a vida do meu povo, os cangaceiros, os animais, os retirantes e os paus-de-arara”, relatou o próprio” (CALLADO, 2013).

Cabe ainda destacar que o lançamento da música *Asa Branca*, em 1947, coincidiu ainda com os esforços de construção identitária da região nordeste frente às medidas de unificação identitária do Brasil no início do século XX. Callado (2013), frente a isso aponta como fato a consolidação identitária da região nordeste ser, na verdade, unicamente um reflexo dos esforços dos antigos senhores de engenho para resistir às novas formas de economia no sul do país. Visto que, um indivíduo define sua identidade seja pertencendo a uma família, uma comunidade ou a uma nação.

A tradição constitui-se como qualquer atividade ou experiência particular inserida na continuidade do passado, presente e futuro que, por sua vez, sejam estruturados por práticas sociais recorrentes. Posicionamento que seguiremos para desenvolver nossas análises. Esse autor apresenta que a cultura, ou algo pertencente a essa, tenha sido “criada” em algum momento por uma razão específica, a cultura nordestina, por exemplo, ao se apresentar já como uma forma consolidada da historicidade dos membros que realmente vivenciaram as características do que seriam o “povo nordestino” não se pode, assim, ser posta como algo meramente inventado, mesmo que tenha sido uma imagem fomentada erroneamente como sendo a única.

Nóbrega (2011) contribui a visão de cultura exposta no parágrafo anterior, ao demonstrar que a construção da música *Asa Branca*, por Luiz Gonzaga, apresenta-se preenchida como o que seria um “aspecto vivido, repleto de significados”. Para isso faz-se importante destacar e considerar as obras de autores que vivenciam os contextos os quais estão narrando, e compará-las a autores que apenas observam e descrevem o contexto de forma impessoal.

Utilizaremos análises acerca das obras literárias *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (1998), visto que, assim como as obras musicais expostas por Gama (2013), pois, segundo Bueno (2006), aquelas também podem ser utilizadas para observação dos contextos sociais.

Com a utilização da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, objetiva-se ressaltar como as características humanas foram utilizadas para determinada identidade. Pois, como apresenta, por meio dessas construções imagéticas torna-se possível o contato com a referida identidade cultural e, assim, enriquecer seu repertório particular e ampliar seus horizontes de expectativas. Cunha (2000), utilizou-se dessas para produção da obra citada, porém, por ser um escritor estrangeiro, advindo de São Paulo, ainda lança sobre suas descrições da região nordestina um olhar elitista e escrito para uma elite letrada que desejava conhecer as regiões do Brasil, o que o torna alvo de críticas.

Assim, por fim, embasados nas considerações da filósofa Djamilia Ribeiro (2017), com relação ao lugar de fala, ou seja, a existência e observação de um enunciador que realmente faz parte do contexto o qual relata; analisamos a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Aspecto também relevante na escolha da obra dar-se por expressar em sua constituição o que Brunacci

(2008) classifica como “obra pacífica”, visto que aborda as contradições que resultam da própria sociedade.

Foi através dessa obra que tiveram voz os “povos sertanejos”, aqueles que tiveram suas vozes silenciadas. O posicionamento da autoria de Graciliano Ramos frente à obra em questão revela a intenção do texto literário, como próprio de seu narrador, também transparecer um ser ideológico. Com isso, Luis Bueno (2006) expõe o fato da literatura poder ser considerada, justamente, como um sistema que possui aspectos que ultrapassam os limites do texto.

Discussão e resultados

A escrita da letra da música em questão, por exemplo, demonstra diferenças quando exposta por seu compositor, como também, membro do contexto que descreve apresentando e conservando traços da língua regional falada, como pode ser vista nos versos da primeira estrofe da canção, em: “*Quando oiei a terra ardendo / Quá fogueira de São João / Eu perguntei a Deus do céu, ai / Pru que tamanha judiação*” (GONZAGA, 1947). Composição distinta a que muitos livros didáticos lhe conferiam ao ocultar a existência dessa variação da norma padrão, apesar da PNLD/2014 já passar a apontar alguns exemplos de variação linguística; como também, a razão da maioria das editoras que os produzem estar distantes da realidade desse contexto contribui para seu apagamento.

Incube destacar que Luiz Gonzaga ao assumir-se nordestino do sertão pernambucano relata uma experiência de vida, de práticas sociais e de uma cultura comum à maioria da população regional (FERNANDES, 2001, p. 60). Esse tópico, ao retratar uma característica que se fez presente na vida de parte dos nordestinos, por exemplo, de carregar água na cabeça para escapar da seca, aponta para casos da caracterização imagética do social que vivencia o contexto da seca que em alguns momentos também fez-se presente na região sudeste como descreve a estrofe: “*Lata d’água, Lata d’água na cabeça / Lá vai Maria, lá vai Maria / Sobe o morro e não se cansa / Pela mão leva a criança / Lá vai Maria*”, ao qual também desperta questões de romantização de questões vividas no social, em que nesse caso não desperta o nível da negação da existência dessa característica no real, mas de romantização pela desconsideração das limitações humanas do que comumente cansaria a qualquer indivíduo. Marchinha que relata um episódio de seca no Rio de Janeiro, mas desperta em muitos a falsa imaginar de referência à região nordeste, justamente, por trazer uma característica recorrente ao contexto dessa.

Nesse intuito, para além da análise das músicas *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga, poeta que viveu o que a letra desta trata de descrever, na marchinha de carnaval *Lata d’água*, seu compositor não se apresenta tanto na perspectiva do viver, mas do apenas do observar o que descreve. Assim, o aspecto ao qual Nobrega (2011) enquadra, em especial, a música de Luiz Gonzaga, como algo vivido um “aspecto vivido, repleto de significados” dar-se por Gonzaga, ao invés de ocultar, denunciar e expor com toda expressividade da vivência o que às vezes pode parecer com uma história fictícia, porém na realidade de parcela da sociedade ainda representa, em suas palavras, a “vida do meu povo”. Cumpre, com isso, destacar a relevância do contexto histórico na vida, na cultura e na arte dos poetas da terra, em que para estes apresentam não apenas analogias, mas malezas e reais acontecimentos sociais.

Analisando, agora, uma obra literária utilizamos Euclides da Cunha com seu livro intitulado *Os Sertões*, de 1902, livro que apesar de ter mais de 100 anos da sua publicação original, ainda faz grande sucesso e é usado em escolas por todo o Brasil, no ensino da história nacional, ao miscigena em suas linhas literaturas, geografia, sociologia, e na época atualidade. Relata o indivíduo que viveu na pele, a fome, a praga, a luta sanguinária pelo poder durante a grande guerra de Canudos que ocorreu em 1897, que já teve como motivação um motivo fútil, mas virou uma verdadeira trincheira, violando inúmeros direitos e garantias fundamentais durante a guerra classista que fora tão bem contada na literatura Euclidiana, afrontando severamente, os denominados Direitos Humanos, que fora criado para minimizar as desigualdades sociais.

A partir dessa obra, Euclides da Cunha (2000) discorre sobre o direito à vida, propriedade privada, tudo isso hoje é muito bem delimitado, mas em um no Nordeste, há mais de um século atrás, eram temas controversos e delicados, onde todo o poder estava nas mãos dos grandes coronéis, detentores das terras e das decisões, e todos os outros que não detivessem as mesmas posses que eles, deveriam obedecer cegamente às suas ordens. Dessa forma, com o observar dos aspectos anteriormente expostos nesse parágrafo, o autor descreve o habitante do sertão, como:

O homem dos sertões mais do que qualquer outro está em função da terra. É uma variável dependente no jogar dos elementos. Da consciência da fraqueza para os debelar, resulta, mais forte, este apelar constante para o maravilhoso, esta condição inferior de pupilo estúpido da divindade. (CUNHA, 2000, p.126)

Garantias fundamentais foram suprimidas, não existia a mão estatal para beneficiar os mais desprovidos, ao analisar a guerra de Canudos, por uma ótica humanista, é possível observar severas violações ao princípio basilar da Dignidade da pessoa humana, da não coisificação do ser humano. Assim, como desconsiderar a relevância de tamanha obra na verificação da real existência de características que, embora atualmente utilizadas para menosprezar determinada população, fizeram parte da constituição da cultura e historicidade nordestina.

Os apontamentos percorridos no parágrafo anterior podem despertar a falseabilidade de parte das características também pertencentes a região nordestina, como, o sotaque, a seca e a fome. Visto isso, por fim, além da análise da obra musical de um autor da região ao qual descreve, a nordestina, faz-se imprescindível discorrer também discussão de uma narrativa escrita por um autor regional, para que, assim, se observe a recorrência das características tidas como nordestinas por um autor próprio da terra. Pois, como expressa Djamilia Ribeiro (2017), acerca do lugar de fala:

Para descolonizarmos o conhecimento, precisamos nos ater à identidade social, não somente para evidenciar como o projeto de colonização tem criado essas identidades, mas para mostrar como certas identidades têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo que outras são fortalecidas. (RIBEIRO, 2017, p. 29)

Considerar, por fim, as descrições narradas por Graciliano Ramos, ao apresentar aspectos culturais e fazer parte desses, como aponta Djamilia Ribeiro (2017), possibilita

acentuar o entendimento de como esse autor regional narrou as características de sua terra e de seu povo.

Analisando, em especial, os personagens que foram construídos para compor a obra contemplam diversas camadas da sociedade, do fazendeiro Paulo Honório até enfim chegar ao pobre Fabiano. Essa construção feita por Graciliano Ramos demonstra que:

Em Vidas secas não vemos a sociedade do alto, nos seus planos e nas suas linhas de movimento coletivo, mas a surpreendemos na repercussão profunda dos seus problemas, através de vidas humanas que vão passando, a braços com a miséria, perseguidas por opressões e sofrimento. (ANDRADE, apud CANDIDO, 1992, p.105).

Atentar-se para esse aspecto proporciona de início observar que em Vidas Secas, se tratando de um escritor que vivenciou e não só observou aquele contexto, a existência de diferenciações e maior diversidade de características na região nordestina que descreve; sem a nenhum momento negar a existência da seca e da pobreza, apenas não reduz tudo e todos à “pupilo estúpido da divindade” e “homem dos sertões preso à terra”, isso sim seria uma forma de estereótipo aos nordestinos.

Assim, por a literatura não se apresentar como algo estático, mas como possuidora do poder de captar a realidade, até mesmo em movimento, podemos observar que muitas das características recorrentes tanto na música Asa Branca, composta por Luiz Gonzaga, até o livro Vidas secas, de Graciliano Ramos, ainda se fazem presentes na realidade de algumas populações nordestinas. O que, mais uma vez, além do que comprovou a materialidade das obras analisadas anteriormente, refutamos a romantização moderna embasada na tese de que características, como, sotaque, seca, fome, nunca fizeram ou não fazem mais parte da realidade da cultura nordestina. Um exemplo da existência da negação a essa realidade seria:

Os estereótipos propagados por meio do humor e do preconceito não mais resistem. Ninguém passa fome, nem falta luz na região. A globalização derreteu o discurso tradicionalista de identidade nordestina. Atualmente, o estereótipo do nordestino pobre, analfabeto, faminto está aos poucos sendo desconstruída. (CALLADO, 2013, p.18)

Em contra fundamentação as afirmações transcritas na citação acima, para fins de melhor constatação, somamos aos relatos musicais e literários dados estatísticos, os quais demonstram que a realidade de muitas pessoas no nordeste brasileiro continua com muitas das aparências descritas por Euclides da Cunha e Graciliano Ramos, embora os tempos sejam outros e tenham se modernizado, não podendo, assim, ser simplesmente desconsideradas pela negativa das novas gerações à existência dessas – sotaque, seca, fome. Visto que, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no ano de 2000, o Nordeste abrigava dois terços dos indigentes rurais do Brasil, apesar de já possuir que crescimento do PIB da região seja maior que a média nacional com 4% ao ano, entre 2001-2010, e o Brasil em média 3,7% (BNB, 2012). Porém, esse tal “crescimento econômico, entre os anos 2000-2010, não se desdobrou, na mesma proporção, em uma melhoria na qualidade de vida dessa sociedade”.

Essa região necessita de políticas de desenvolvimento regional desenhadas a partir de uma visão em conjunto da economia e da sociedade, que, ao menos, garantam o

crescimento econômico, a satisfação das necessidades básicas e a condição de cidadania com qualidade de vida para todos os brasileiros. (GONÇALVES E ARAÚJO, 2015, p. 203)

Assim, podemos observar a real existência dessas características no nordeste brasileiro, embora com esse trabalho não se queira disseminar esses aspectos de forma estereotipada, mas sim trazer a tona, comprovar e problematizar sua existência, não simplesmente negar sua existência. Como resultado de pesquisa de campo, recolhemos algumas imagens no recorte temporal entre 2017-2019, em que podemos observar que, nas cidades de Pedra Lavrada, no interior da Paraíba, e Jardim do Seridó, município que faz parte do Estado do Rio Grande do Norte, em:

Imagem 1- Povoado no interior do Rio Grande do Norte a caminho de Jardim do Seridó



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Imagem 2- Fogo à lenha no município de Pedra Lavrada, interior da Paraíba



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Observamos, com isso, a existência de populações em realidades como as descritas nas obras musicais, literárias, e que refletem também os dados expostos anteriormente pelo IPEA e BNB. Seguem em anexo.

Considerações finais

Constata-se, assim, que as formas de romantização como negação à existência de determinados contextos gera certa forma de desconsideração às pessoas que realmente viveram nesse contexto e que muitas vivem até hoje; como é o caso da seca na região do nordeste. Visto isso é necessário questionar quem são os sujeitos que estão analisando tais canções e contextos sociais, como também, atentar para o fato de estarem à margem ou de terem realmente vivenciado de alguma forma as realidades que descrevem.

Negar a existência desse contexto como sendo apenas algo criado ficcionalmente pela mídia, a revelia de relatos como o de Euclides da Cunha, é também usurpar aos povos que realmente viveram na pele essa realidade o reconhecimento de sua história e de suas raízes. Pois, embora a existência de preconceitos possam ter sido gerados até mesmo de forma intencional por certa parte da população nordestina e brasileira, como apontou Callado (2013), a forma para acabar com a xenofobia ao povo nordestino não deve dar-se por meio da negação de características – sotaque, seca, fome - que, embora não sejam as únicas, também fizeram e ainda fazem parte da realidade de algumas populações nordestina. Mais próximo ao ideal seria não negar a existência dessas, mas tratá-las estrategicamente, como levar as outras partes do Brasil a existência de demais características do nordeste, pois de certa forma a negação também acentua o preconceito e desconsiderações às populações que possuem essas características.

Referências

CALLADO, Alisson Gomes. **O Hino de sertão: A Identidade Nordestina em “Asa Branca”**. 2013.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FERNANDES, Glauco Vieira. **A Territorialidade Sertaneja no Cancioneiro de Luiz Gonzaga**. 64 f. Dissertação (Mestrado) –Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, 2001.

GAMA, Valeska Barreto. **O Nordeste de Gonzaga: A Música como reveladora de Identidade(s)**. Disponível em:
<http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=5468:o-Nordeste-de-gonzaga&catid=36&Itemid=127> . Acesso em: 01 de nov. de 2019.

GONZAGA, Luiz. **Asa Branca**. RCA/Victor,1947. martelotta, 2003

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo, Martins, 1998.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.